

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral – Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
2003

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Não é permitido o uso de dicionário.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

RETRATO

- 1 O meu perfil é duro como o perfil do mundo.
Quem adivinha nele a graça da poesia?
Pedra talhada a pico e sofrimento,
É um muro hostil à volta do pomar.
- 5 Lá dentro há frutos, há frescura, há quanto
Faz um poema doce e desejado;
Mas quem passa na rua
Nem sequer sonha que do outro lado
A paisagem da vida continua.

Miguel Torga, *Antologia Poética*, 5.ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1999

Elabore um comentário do poema que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- traços constitutivos do «Retrato» do sujeito poético;
- valor simbólico de «pomar»;
- aspectos formais e recursos estilísticos relevantes;
- relação entre o «eu» e «quem passa na rua».

GRUPO II

A questão seguinte refere-se ao romance *Os Maias*, de Eça de Queirós.

A personificação mais ridícula da obsessão dos modelos estrangeiros é Dâmaso Salcede [...].

Oscar Lopes, *Álbum de Família*, Lisboa, Caminho, 1984, p. 104

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2003/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e trinta palavras, num texto de **noventa e cinco a cento e vinte e cinco** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 Ao longo do século XIX, algumas das figuras maiores da nossa literatura, de Garrett a Eça
de Queirós, puseram em dúvida não tanto a existência de um teatro português como a
aptidão dos autores portugueses para a criação dramática. Garrett, no prefácio do
5 *Auto de Gil Vicente*, em 1838, aludiu à «esterilidade» e à «negação para o teatro» do povo
português, ao qual o romancista de *Os Maias* recusava, num artigo das *Farpas*, em 1871, o
«génio dramático». E Fialho de Almeida¹, numa entrevista publicada em 1906, sublinhava
que os requisitos essenciais do teatro (a «concisão nervosa, a intensidade de acção, o poder
10 sintético e analítico») faltavam «quase por completo entre os predicados literários dos
portugueses». A verdade, porém, é que, apesar de uma vocação predominantemente
individualista, que, aproximando os Portugueses da poesia lírica, os afasta da poesia
dramática, [...] e apesar de uma estrutura socioeconómica que só intervalarmente², em oito
séculos de história, se tem mostrado propícia ao desenvolvimento da arte dramática como
15 fenómeno essencialmente comunitário, o teatro português existe – se não como realidade
inteiramente conseguida, ao menos como tendência incessantemente perseguida. Não
somos, é certo, como a vizinha Espanha, um país de marcada e visceral³ tradição
dramatúrgica; e certo é também que as tentativas de criação de uma literatura dramática
nacional se limitam praticamente a esforços individuais, ou, quando muito, geracionais, a que
20 falta, por via de regra, a necessária coesão. Mas é fora de dúvida que desde Gil Vicente até
aos autores românticos, e destes até aos contemporâneos, uma linha descontínua, quebrada
aqui e logo mais adiante reatada, acaba afinal por desenhar-se – e desenhar o rosto
fragmentado, mas reconhecível, do que poderemos considerar o teatro português. Linha que,
nas suas curvas e paragens, acompanha o movimento evolutivo da sociedade, de que o
teatro é, ao mesmo tempo, o reflexo e o reflector. Daí, como observa António José Saraiva⁴,
que «pôr o problema do teatro português seja nada menos que pôr todo o problema da
25 estrutura da sociedade portuguesa».

Luiz Francisco Rebello, «Teatro», in *Dicionário de História de Portugal*,
dir. Joel Serrão, Vol. VI, Porto, Figueirinhas, 1981

¹ *Fialho de Almeida*: escritor (1857-1911).

² *intervalarmente*: com intervalos.

³ *visceral*: profunda.

⁴ *António José Saraiva*: historiador e crítico literário (1917-1993).

Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (oitenta palavras como limite mínimo, e cento e quarenta como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por quinze palavras: «o/ romancista/ de/ Os/ Maias/ recusava,/ num/ artigo/ das/ Farpas,/ em/ 1871,/ o/ «génio/ dramático»/».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Conteúdo	60 pontos
Organização e correcção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correcção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correcção linguística	30 pontos
Total	200 pontos